

O CLIMA DE FORMAÇÃO NO ENSINO DE ENFERMAGEM: CONTEXTOS/DIMENSÕES E PERSPETIVAS

Pereira, A.¹; Lopes, A.²; Fernandes, P.³; Mouraz, A.⁴; Sousa, R.⁵

¹Instituto Politécnico de Viana do Castelo – Escola Superior de Saúde;
^{2,3,4,5}Universidade do Porto - Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação

¹aurorapereira@ess.ipvvc.pt;²amelia@fpce.up.pt;³preciosa@fpce.up.pt;⁴anamouraz@fpce.up.pt; ⁵ritasousa@fpce.up.pt

RESUMO

Os discursos sobre a formação inicial, em geral, e dos enfermeiros, em particular, têm apontado para uma maior aproximação ao paradigma socioconstrutivista que preconiza a formação como resultado de uma produção cultural, ocorrida nos contextos formativos por via das interações entre formador/formando, desviando-se assim do paradigma transmissivo, centrado na aquisição de conhecimentos e onde o formador é o ator principal. Simultaneamente têm consolidado a ideia da importância dos climas de formação como condição determinante na melhoria da qualidade dos processos formativos. Com efeito, os estudos sobre o clima de formação no ensino superior têm assumido cada vez maior relevância, nomeadamente quando se trata de melhorar as condições de formação tendo em conta o desenvolvimento de um conjunto de competências e de modos de ser e agir. É neste contexto que se enquadra esta comunicação, onde se pretende apresentar os resultados parciais de um projeto de investigação mais abrangente. Os dados que aqui apresentamos foram recolhidos com o objetivo de conhecer a perceção dos informantes-chave sobre o curso e a escola e identificar as dimensões a serem tidas em conta na construção de um inventário de clima de formação de uma Escola Superior de Saúde (ESS). Para tal, foram entrevistados atores com responsabilidades ao nível da política organizacional, científica e pedagógica. As principais ideias resultantes da análise permitiram identificar elementos caracterizadores do *clima de formação* daquela Instituição que se constituem em dimensões de um Inventário de Clima de Formação: modelo de formação, dimensão organizacional na formação e relações interpessoais na formação.

Palavras-chave: formação inicial; enfermagem; climas de formação; cultura organizacional.

ABSTRACT

The discourses on the initial training, in general, and of nurses, in particular, have pointed to a higher approximation to the socio-constructivist paradigm that advocates the training as a result of a cultural production, which has occurred in

educational contexts by means of interactions between trainer/trainee, deviating from the transmissive paradigm, centered on the gathering of skills and where the trainer is the main character simultaneously has consolidated the idea of the importance of a good atmosphere in training as a key factor in improving the quality of educational processes. In fact, the studies on the training atmosphere in higher education have assumed ever greater importance, in particular when it comes to improving the conditions for the training taking into account the development of a set of skills and modes of being and acting. In this context, that fits this communication, where the main objective is to present the partial results of a comprehensive research project. The data have been gathered with the purpose of knowing the perception key-informant about the course and school and to identify the dimensions to be taken into account in the construction of an inventory on atmosphere in training in a College of Health. In order to come to a conclusion interviewed people with responsibilities at organizational policy, scientific and pedagogical level. The main ideas resulting from the analysis have permitted to identify characterizing elements of training atmosphere of the Institution that form dimensions of an inventory of atmosphere in training: training model, organization of training and training relations.

Key Words: initial training; nursing; training atmosphere; organizational culture.

INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas, o clima de formação tem sido considerado uma variável explicativa do sucesso da formação (Kantorova, 2009). Neste sentido, os estudos sobre clima de formação no ensino superior têm vindo a assumir uma relevância cada vez maior. Com efeito, alguns estudos sugerem a existência de uma relação forte entre o clima de formação, a aprendizagem formal e a transferência de conhecimentos e competências para os contextos de trabalho (Lopes & Pereira, 2012; Tracey & Tews, 2005).

Para Neves (2000, p.29) “... clima é algo que é criado por um conjunto de sujeitos que interagem e partilham uma estrutura de referência comum, ou seja, a cultura organizacional. Nesta aceção, o clima surge como uma

dimensão da cultura organizacional com a qual interage e se relaciona” e *“que influência quer a motivação e comportamento dos indivíduos, quer a produtividade organizacional”* (ibidem, p.27). Neste contexto, surge este estudo “o clima de formação no ensino de enfermagem: contextos/dimensões e perspectivas”, que integra um projeto mais amplo de investigação sobre as profissões de ajuda.

As profissões de ajuda são profissões de interação humana, onde se realiza um trabalho sobre o outro, pelo que são parte importante do mundo em geral e do mundo das profissões (Hugman, 2005) e estão imbuídas de condições e características específicas que colocam desafios particulares aos futuros profissionais e aos seus formadores, sobretudo no contexto atual em que se operam profundas alterações sociais, tecnológicas e científicas, na sociedade em geral e na saúde em particular. Duas características especificam estas profissões: a relação entre o conhecimento profissional e o desenvolvimento humano e o carácter complexo da atividade profissional – atividade multidimensional e de interação humana (Dubet, 2002). O sentido de *profissão de ajuda* que atravessa o trabalho de um/a enfermeiro/a pode ser traduzido nas ideias de Carvalho (citado por Moreira e Carvalho, 2004, p.356) ao considerar a enfermagem como uma profissão “... dedicada ao bem-estar do ser humano ... a ciência e a arte de ajudar pessoas, grupos e coletividades, quando não capacitados a autocuidar-se para alcançar um nível ótimo de saúde”.

Sendo a enfermagem uma profissão de ajuda ou do cuidado, o modelo de formação inicial funde-se na prática, nas parcerias institucionais e de formadores e no desenvolvimento pessoal (Dubet, 2000). Neste sentido, e tendo em conta que o cuidar constitui o eixo estruturante da formação em enfermagem, é necessário que o estudante através de uma interação cuidativa e libertadora adquiria capacidades e habilidades não só cognitivas e técnicas, mas também relacionais (Pereira, 2005). É no quadro destas ideias que se situa esta comunicação. Com ela pretende-se, a partir da análise dos discursos de um conjunto de informantes-chave, com responsabilidades na organização e gestão da formação de uma Escola Superior de Saúde (ESS), identificar dimensões configuradoras de um inventário de caracterização do clima de formação, dessa instituição.

METODOLOGIA

Do ponto de vista metodológico optou-se por um estudo exploratório, com uma abordagem qualitativa recorrendo à entrevista semiestruturada, como estratégia de recolha de dados. Considerando o objetivo geral anteriormente referido foram entrevistados atores responsáveis pela política institucional e pela gestão pedagógica e científica da formação de uma Escola Superior de Saúde (ESS): Diretora; Coordenador do curso de licenciatura em Enfermagem; Coordenador da Comissão Técnico-Científica; Presidente do Conselho Pedagógico e Presidente da Associação de Estudantes. Esta opção fundamentou-se também no fato de considerarmos estes como informantes privilegiados, porquanto são conhecedores das políticas, lógicas e práticas institucionais. Como referem Kantek e Baykal (2009) as pessoas que exercem cargos têm uma visão privilegiada sobre a instituição.

APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

A apresentação e discussão dos resultados estruturaram-se com base no conjunto de dimensões e de categorias que emergiram da análise de conteúdo dos discursos dos entrevistados. Foram identificadas três grandes dimensões: “*modelo de formação*”, “*dimensão organizacional da formação*” e “*dimensão das relações interpessoais na formação*”, cada uma integrando várias categorias.

Relativamente à dimensão “**modelo de formação**”, da análise dos discursos emergiu um conjunto de dados que agrupámos nas seguintes categorias: “princípios organizadores da formação”, “contextos práticos de formação” e “práticas pedagógicas”. Quanto aos “princípios organizadores da formação” surgiu com destaque e expressa por todos os entrevistados a necessidade de alterar o plano de estudos, por considerarem que o mesmo está desajustado às exigências e à evolução da profissão de enfermagem. Emerge, ainda, a importância de se valorizar o atual contexto sócio profissional da profissão, nomeadamente nas questões que se relacionam com a empregabilidade e a transição dos recém-formados para o exercício da profissão, e a necessidade

cada vez maior de investir na componente da investigação. Estas ideias vão de encontro a estudos que realçam a importância de investir em novos paradigmas pedagógicos (Lima, 2010) e de um processo de formação mais exigente e diferenciado (Abreu, 2001) e ao discurso da ordem dos Enfermeiros (2001, p.10) quando evoca a necessidade da investigação assumir uma maior centralidade na formação inicial em enfermagem.

É ainda realçado o perfil de formação que se entrecruza com um perfil de competências, evidenciando os domínios que já se valorizam na formação – o desenvolvimento de competências científicas, crítico reflexivas e de relação de ajuda - e aqueles que, embora já mereçam alguma atenção necessitam de um maior investimento, tendo em conta o contexto atual dos cuidados de saúde e a evolução da profissão de enfermagem, nomeadamente a autonomia, o empreendedorismo e a criatividade. Destaca-se também, a importância da aprendizagem em contexto, como um dos princípios que permite a dialética teoria prática e a mobilização de conhecimentos.

Na categoria “contextos práticos de formação”, os informantes especificam os respetivos contextos – os laboratórios da escola, o hospital, o centro de saúde - mas também apontam os aspetos associados a estes que podem constituir-se como fatores favoráveis ao desenvolvimento da formação - os protocolos, as parcerias existentes e as questões da articulação entre os contextos - ou desfavoráveis - o aumento do número de estudantes provocado pela proliferação de escolas de enfermagem, a complexificação dos cuidados, a redução do *ratio* de enfermeiros e a diversidade dos modelos de formação face à singularidade dos serviços. A nível da categoria “práticas pedagógicas”, os discursos salientam os atores envolvidos (regente da UC, gestor pedagógico, tutor e enfermeiro de referência) e as estratégias/dinâmicas a mobilizar para promover a articulação entre estes diversos atores, sobretudo nos contextos práticos de formação, tendo em conta os objetivos/filosofia subjacente ao momento de formação e o papel/foco de intervenção inerente a cada um deles.

Dos discursos em torno desta dimensão transparece a ideia de que, sobretudo nos contextos práticos de formação, os diversos atores privilegiam um determinado domínio do saber no âmbito do seu campo intervenção, conforme o local em que exercem a sua atividade profissional - instituição de ensino ou

instituição de saúde. Ou seja, o professor que exerce a sua atividade na Escola e representa a figura de regente e gestor pedagógico privilegia mais os domínios do saber, saber ser e a dimensão crítico-reflexiva; o enfermeiro que exerce a sua profissão nas instituições de saúde na figura de tutor, enfermeiro de referência, privilegia, sobretudo, o domínio do saber-fazer.

Reportando-nos à **dimensão organizacional da formação**, a análise permitiu-nos identificar evidências discursivas para duas grandes categorias de análise: “representações sobre o curso de Enfermagem” e “características organizacionais”. A esta categoria são associadas subcategorias relacionadas com a qualidade da formação e o reconhecimento do curso, aspetos bem evidenciadas nos discursos. Todavia, evidenciam-se traços discursivos reveladores de uma certa fragilidade na componente investigação e de uma certa perda de autonomia científica, de liderança e de poder de decisão na escola associada à integração no Instituto Politécnico. Este facto tem contribuído para a perda de identidade que caracterizava a ESS correspondendo o momento atual a um momento de transição que parece exigir a reconfiguração do *ethos da escola* (Stoer & Araújo, 2000). É, por outro lado, realçado o reconhecimento social que consideram ter a instituição, quer a nível local, nacional e internacional e que advém da qualidade que consideram ter os enfermeiros formados nesta escola resultante da qualidade científica e técnica da formação e da cultura institucional de acompanhamento dos estudantes nos diferentes contextos onde realizam a sua formação. Situando a análise nos constrangimentos e nas mais-valias organizacionais, constata-se em relação aos primeiros que a falta de autonomia e o excesso de trabalho constituem os maiores constrangimentos. As mais-valias remetem para a cultura de proximidade da instituição com os estudantes e com as instituições parceiras.

Da dimensão das relações interpessoais na formação emerge com evidência a importância das que são estabelecidas entre os diversos atores que ocupam o espaço institucional - “relação entre professores e estudantes”; “relação entre professores” e “relação entre estudantes”- bem como os modos como essas relações ajudam a construir a especificidade, quer do modelo/perfil de formação, quer da estrutura organizacional.

No que concerne à relação entre os professores e os estudantes os dados recolhidos permitiram constatar que existem relações que são enquadradas pela política da instituição e outras que resultam numa prática mais individual. As relações enquadradas pela política da instituição têm uma representação generalizada entre os representantes dos professores e o representante dos estudantes, do cuidado que colocam na relação pedagógica como condição de promoção do desenvolvimento dos estudantes, a qual se plasma também na organização dos serviços de apoio e dos funcionários que aí trabalham. Expressam a ideia de disponibilidade, empatia, proximidade, apoio individualizado, valorização da dimensão humana. De algum modo, este enquadramento institucional das relações de proximidade aos estudantes tem vindo a consolidar-se historicamente como uma característica da Instituição, assumindo, no dizer de alguns profissionais, contornos de excessivo maternalismo/paternalismo. No que concerne às práticas individuais da relação, pode assumir-se que elas dependem das pessoas em presença, da condição/contexto em que se é formador, do tempo e das circunstâncias em que as relações acontecem de facto.

As relações estabelecidas entre os professores podem subdividir-se em relações de caráter institucional ou pessoal, emergindo a nível institucional a ideia de colaboração e parceria entre professores da escola e orientadores dos contextos, de generosidade, de cooperação e respeito e de conflitualidade mas com prevalecimento do interesse coletivo. Parece, assim, emergir evidências discursivas que indiciam um sentido identitário da instituição e características de uma cultura de *trabalho colaborativo* (Fullan & Hargreaves, 2000).

Finalmente, quanto às relações que os estudantes estabelecem entre si, emergem variáveis de contexto consoante o grupo etário ou a turma a que pertencem e são focados aspetos como as relações de cooperação e de solidariedade existentes nos grupos de trabalho e entre estudantes de anos diferentes, os novos públicos e perfis, a organização de eventos e atividades académicas, mas ressalta também a ideia de competitividade e individualismo.

CONCLUSÕES

Os discursos relativos às três dimensões analíticas permitiram construir as seguintes ideias conclusivas:

Do modelo de Formação sobressai um sentido discursivo que reconhece a mais-valia dos princípios subjacentes ao modelo de formação existente na escola, com valorização do desenvolvimento de competências científicas, crítico-reflexivas e de relação de ajuda. O mesmo discurso é também revelador da necessidade de mudança(s) que favoreçam uma formação mais ajustada à evolução da profissão e aos contextos sociais e profissionais da atualidade e que permitam um maior desenvolvimento da autonomia, da criatividade e de empreendedorismo no estudante.

Da dimensão organizacional da formação evidencia-se um discurso de que a projeção da escola e dos profissionais de enfermagem aí formados a nível local, nacional e internacional resulta de um *ethos* próprio, marcado pela qualidade da formação, pelo acompanhamento dos estudantes nos diferentes contextos onde realizam a sua formação e pela cultura de proximidade com os estudantes e com as instituições parceiras.

Das relações interpessoais na formação destacamos que, enquanto as relações entre pares oscilam entre algum individualismo e a cooperação, as relações assimétricas balançam entre o maternalismo/paternalismo, o conforto da dependência e o desejo de uma maior autonomia. Como pode ajudar-se alguém para a autonomia e com espírito empreendedor é um dos desafios que se coloca às relações formativas no âmbito de uma profissão de ajuda/do cuidado que se desenvolve em contextos de trabalho de interação humana multidimensionais e multiprofissionais, complexos e exigentes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Abreu, W.C. (2001). *Identidade, formação, e trabalho. Das culturas locais às estratégias identitárias dos enfermeiros*. Lisboa: Formasau.
- Dubet, F. (2002). *Le Déclin de l'institution*. Paris. Seuil.

- Fullan, M. & Hargreaves, A. (2000). *A escola como organização aprendente. Buscando uma educação de qualidade*. Porto Alegre.
- Hugman, R. (2005). *New Approaches en Ethics for the caring Professions*. Basingstoke: Palgrave Macmillan.
- Lima, I. (2010). *Formação inicial: Metodologias formativas baseadas em experiências de vida ao longo das quais se formam a identidade pessoal e a identidade profissional em enfermagem: um contributo para conhecer o corpo que somos*. Tese de Doutoramento. FPCE- UP, Porto.
- Lopes, A., Pereira, F., Ferreira, E., Silva, M., & Sá, M. (2007). *Fazer da formação um projecto. Formação inicial e identidades profissionais docentes*. Porto: Livpsic.
- Ordem dos Enfermeiros. Conselho de Enfermagem (2001). *Padrões de Qualidade dos Cuidados de Enfermagem. Enquadramento Conceptual*. Lisboa: Ordem dos Enfermeiros.
- Kantek, F., & Baykal, U. (2009). Organizational culture in nursing schools in Turkey: Faculty members' perspectives. *International Nursing Review*, 56, 306-312.
- Kantorova, J. (2009). The School Climate – Theoretical Principles and Research from the Perspective of Students, Teachers and Parents. *Dgojne znanosti*, 11(1), 183-189.
- Hugman, R. (2005). *New Approaches en Ethics for the caring Professions*. Basingstoke: Palgrave Macmillan.
- Neves, J.G. (2000). *Clima organizacional e Gestão de Recursos Humanos*. Lisboa: Editora RH.
- Pereira, M.A. (2008). *Comunicação de más notícias em saúde e gestão de luto*. Coimbra: Formasau.
- Stoer, S., & Araújo, H.C. (2000). *Escola e Aprendizagem para o trabalho num país da (Semi)periferia europeia*. Porto: Edições Afrontamento.
- Tracey, J.B., & Tews, M.J. (2005) Construct validity of a general training climate scale. *Organizational Research Methods*, 8, 353-374.